

# O CORPO CAPITALIZADO PELA CIÊNCIA: A EVOLUÇÃO DO HUMANO ENQUANTO REDUTO DE ESSÊNCIA EM DISTOPIAS CLÁSSICAS E CONTEMPORÂNEAS

Ânderson Martins Pereira<sup>1</sup>

Ariane Avila Neto de Farias<sup>2</sup>

Mariane Pereira Rocha<sup>3</sup>

## RESUMO

A distopia contemporânea tem problematizado cada vez mais o capitalismo e a tecnologia atrelada a ele. É nessa perspectiva que as narrativas atuais do gênero criam sociedades trans e pós-humanas que demonstram que a essência do humano vem sendo ameaçada pela “produtificação” dos corpos. Isto posto, o presente trabalho busca discutir sobre as denúncias feitas pelas distopias acerca do componente humano e demonstrar principalmente através da trilogia *Divergente* de Veronica Roth como este processo vem evoluindo já que este é um gênero extremamente arraigado ao contexto social. Pesquisadores como Eduardo Marks de Marques (2014) defendem que a distopia vem evoluindo e mudando seu foco e que esse processo se reflete na alteração dos temores vividos pela coletividade. Tomando por pressuposto a relação simbiótica entre distopia e sociedade, acredita-se que as representações do trans e do pós-humano descritos em narrativas distópicas ressoam

---

<sup>1</sup> Doutorando em Sociedade, (inter)textos literários e tradução nas literaturas estrangeiras modernas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), andersonmartinsp@gmail.com

<sup>2</sup> Doutoranda em História da literatura, Universidade Federal do Rio Grande (FURG), arianenetof@gmail.com

<sup>3</sup> Mestranda em Literatura Comparada, Universidade Federal de Pelotas (UFPel), marianep.rocha@gmail.com

sobremaneira à forma como a sociedade lida com a essência do humano e, em especial, como esta é atualmente perpassada pelo capital.

**PALAVRAS-CHAVE:** transumanidade; pós-humanidade; distopia.

### **The body capitalized by science: The evolution of the human as a core of essence in classical and contemporary dystopias**

#### **ABSTRACT**

The contemporary dystopia has increasingly problematized the capitalism and the technology tied to it. Current narratives of the genre create trans and post-human societies which demonstrate that the essence of the human being is being threatened by the "productification" of bodies. The present paper seeks to discuss the denunciations made by dystopias about the human component and to demonstrate mainly through Veronica Roth 's *Divergent* Trilogy how this process has evolved throughout the dystopia, a genre extremely rooted in the social context. Researchers such as Eduardo Marks de Marques (2014) argue that the dystopia has been evolving and changing its focus and that this process is reflected in the alteration of the fears lived by the collectivity. Assuming the symbiotic relationship between dystopia and society, it is believed that the representations of trans and posthuman described in dystopian narratives resonate very much with the way society deals with the essence of the human and, in particular, how it is currently pervaded by capital.

**KEYWORDS:** Transhumanity; posthumanity; dystopia.

O desenvolvimento do capitalismo vem transformando o corpo cada vez mais em produto e tornando-o vendável. É necessário transgredir as fronteiras do humanismo, visto que o corpo, antes símbolo da pujança humana sobre o universo, cai ineficiente sobre o olhar da mesma humanidade. Na contemporaneidade, movimentos que desafiam as fronteiras do humano, como o pós-humanismo e o transumanismo, passam a fazer parte das discussões científicas e filosóficas que norteiam as inquietações para com a essência da espécie relacionada ao futuro.

Neste cenário, narrativas distópicas deixam de possuir como elemento central a discussão do político e do social e começam a articularem-se como questionadoras das implicações na adoção ou possibilidade de um posicionamento filosófico-social que transcenda as fronteiras do humano. Assim, este trabalho busca analisar a representação do humano e suas atualizações pós e transumanas no gênero distopia, enfatizando principalmente as especificidades das distopias contemporâneas nesse cenário. Para tanto, buscar-se-á estabelecer um diálogo entre a trilogia *Divergente* de Veronica Roth e algumas obras distópicas clássicas que tangenciam a discussão da essência do ser.

A relação entre distopia e sociedade se inicia com a própria necessidade humana de esperar, este processo é nominado utopismo, segundo Lyman Tower Sargent (2010). O autor concebe que sonhar com uma realidade idealizada é um processo natural e, esse recurso, cria "não-lugares"

representativos dos sonhos ou pesadelos desta comunidade. Todavia, as mudanças sofridas na sociedade atingem também esse lugar efêmero. Claeys (2010), seguindo este raciocínio, dividiu o gênero distopia em dois momentos distintos, em um ensaio nominado "The Origins of Dystopia: Wells, Huxley and Orwell".

O referido autor redimensionou a famosa tríade do lugar de textos fundadores para a categoria de segundo momento do gênero, um período onde a ênfase do não-lugar distópico era o cenário político e social. Contudo, as distopias deixaram de abordar essa temática como elemento central e, ao invés disso, começaram a focalizar o componente humano e a refletir em seus universos atroz, um futuro onde a humanidade não perdeu os seus direitos sociais ou "humanos" básicos, mas deixou de adequar-se ao próprio conceito de humano.

A tendência das distopias abordarem o transumano é vista por Maxwell J. Mehlman (2012), no livro *Transhumanist Dreams and dystopian nightmares: The Promise and Peril of Genetic Engineering*, como algo natural, pois a grande maioria da sociedade toma a evolução humana como evento criacionista e mesmo aqueles que negam essa possibilidade, acreditam ser papel da natureza e não do homem a evolução da espécie. Neste sentido, as ideias transumanistas e também as pós-humanistas, como propostas por Eduardo Marks de Marques (2013), representam para as distopias atuais uma ideia perigosa de futuro. Esta é uma estrutura fundamental para a terceira virada distópica, tanto no que se refere aos movimentos pós-humanos quanto aos transumanos. No pós-humanismo, o corpo atua como elemento de possível distinção entre consciências, estrutura esta que se interpela na relação entre o "nós" e os "outros", já no transumanismo, o movimento é constituído diante do capitalismo. Eduardo Marks de Marques destaca que:

O corpo que rende-se ao desejo torna-se transfigurado por ele. O capitalismo requer a constante mutação de tal desejo e, também, do "calculismo hedonista e personalidade narcisista" que são partes deste corpo. Por outro lado, a construção de tal desejo está diretamente conectada à ascensão tecnológica do capitalismo tardio. O corpo humano, orgânico, não é mais autossustentável enquanto essência de humanidade. (2014, p.18).

Como é possível apreender da citação acima, o capitalismo é um elemento importante no desejo e, por conseguinte, na evolução da espécie que seria executada pelo próprio ser humano, que seria um ser "desejante". Como o autor pontua, o corpo humano deixa de ser, neste caso, o reduto da humanidade para se tornar parte de um processo evolutivo que contará com uma relação e/ou reação capitalista para com este objeto. Neste processo capitalista de evolução, as correntes

transumana e pós-humana encontram uma convergência. Para entender melhor como uma realidade pode ser simultaneamente trans e pós-humana é necessário conceituar ambos os termos.

O pós-humanismo é um movimento que tem em seus pressupostos a contrariedade da centralização da figura humana. Segundo o autor Cary Wolfe (2009), a noção de pós-humanismo emancipa e coloca no mesmo patamar animais, robôs ou alienígenas. A consciência não é mais humana, mas pós-humana. Portanto, a corrente pós-humanista é uma corrente de descorporificação e segundo Wolfe, não necessita recuperar para isso traços humanistas ou se constituir como anti-humana.

No outro extremo, o transumanismo pretende evoluir o corpo humano para algo que ainda não existe. Os autores Max More e Natash Vitta-More (2013) caracterizam o movimento transumanistas como uma intensificação do humanismo, baseando-se no iluminismo e no desenvolvimento da ciência para a evolução do corpo humano. Para esses autores, o transumanismo entende que o restante da evolução humana não se dará por processos naturais, mas sim tecnológicos. Este movimento denomina-se extropia<sup>4</sup>, buscando o melhoramento constante. Esses benefícios estão enfatizados em três grandes áreas: bem-estar; longevidade e inteligência.

Ambas as correntes se opõem entre si ao posicionarem-se sobre o humanismo. Porém, se entendermos a evolução gerada pela transumanidade como um processo, teremos seres evoluídos em diferentes formas e níveis de distanciamento do humano aos quais podemos organizar em diferentes grupos ou até mesmo espécies. Este processo descentraliza o humano como centro de racionalidade e consciência do humano, já que estes novos seres também a detêm. Neste sentido, ambos os processos se imbricam criando uma realidade trans e pós-humana que só é possível a partir da transumanização dos corpos incentivada, dentre outros, pelo capitalismo.

A comercialização do corpo e os elementos éticos envolvidos nessas concepções são largamente abordados nas obras distópicas de terceira virada. Pode-se afirmar que o efeito capitalista as obriga a aceitar esta nova relação imbricada com a tecnologia. Neste âmbito, a questão de desejo e de vontade sobre a inserção da tecnologia segue o caminho do capital. De um lado, há um público pagante que se beneficia da tecnologia e das modificações corpóreas que podem ser efetuadas nos corpos, e, de outro, uma camada pobre que é relegada ao não acesso ou é impingida a uma utilização indesejada de sua estrutura corpórea.

---

<sup>4</sup>O termo utopia é diferenciado da ideia de Extropia por Max More e Natash Vitta-More (2013), que propõem para este último uma ideia de reavaliação e melhoramento constante.

O sistema econômico é muito abordado em distopias de segunda virada, como no caso de *We* de Zamyatin (1924) e de outras distopias do mesmo período. Porém, a problemática do capitalismo na terceira virada não se constitui apenas socialmente, mas invade e transfigura o corpo dos indivíduos. A ética com relação à instituição corpórea não se restringe à vida ou à morte do corpo, mas perpassa a sua forma e modifica até mesmo sua essência.

Neste âmbito, pode-se citar o ressoar social que o mundo passa a partir do posicionamento de Maria da Glória Bordini no texto “O Eu à Deriva na Sociedade Pós-Colonial: Fernando Pinto do Aramaral e a Poesia Pós-moderna Portuguesa”.

A reação comum a esse estado de coisas tem sido o hiperindividualismo de cunho narcisista e sobrevivencialista, em que o ego se torna um camaleão autocentrado, tentando apenas alcançar a satisfação pelo hedonismo, que a própria economia de consumo induz, ao oferecer bens aparentemente inesgotáveis e ao suscitar desejos triviais, contando com o vazio nunca preenchível que já Platão diagnosticava no fundo do sujeito desejante. A anonimidade resultante do fato de que os indivíduos acabam por ser uniformizados pelos bens igualmente padronizados mundialmente é combatida com a busca da visibilidade, através da identificação com ídolos da mídia, com o uso de grifes da moda, de tatuagens, de símbolos de status, incluindo-se entre eles a intelectualização, com a inserção em grupos de características tribais, com o exercício de uma violência cega e sem propósitos, apenas para obter os cinco minutos de fama que retirem o eu da multidão sem rosto. (BORDINI, 2011, p.158).

Ainda que a autora aborde a especificidade da literatura portuguesa, ela destaca os aspectos vividos na pós-modernidade e questiona os malefícios do capitalismo no mundo atual. O que o excerto acima ajuda a entender são as especificidades de distopias que são produtos de uma sociedade de mercado que capitaliza relações e busca não apenas motivar a compra, mas também a venda.

O capitalismo transforma a sociedade atual em consumidora e cria o desejo, prova disso é o alto consumo de *reality shows*, que denota a necessidade de consumir também o cotidiano, de consumir o que se entende por realidade e de tornar esta experiência um produto e lucrar com ela. Distopias de terceira virada tornam tática a questão do capitalismo selvagem, no qual muitos trabalham pelos desejos de poucos, um espaço em que até mesmo o próprio corpo é produto e pode ser modificado ou vendido por e para o sistema.

Dessa forma, para exemplificar a especificidade das distopias humanas e a relação destas com a discussão elegemos a trilogia *Divergente*. A trilogia divide-se em três romances: *Divergente* (2012), *Insurgente* (2013) e *Convergente* (2014). O primeiro romance da série ambienta o leitor no experimento de Chicago, introduz o sistema vigente dentro da cidade e as facções que separam e constroem a comunidade da urbe. O segundo livro dá ensejo às revoltas e as modificações da suposta

ordem dentro da sociedade e denota seus efeitos no processo da criação de uma realidade ainda pior do que a já sentida no primeiro romance. O último romance rompe o véu do experimento e reformata Chicago não como a última sociedade humana, mas como a tentativa de uma sociedade que sofre com os efeitos da transumanização de retornar a um ideal genético anterior.

Neste último romance evidencia-se que a discussão sobre a essência humana diante da transumanidade e da pós-humanidade, bem como os riscos em ambos os sistemas são mais pungentes. A narração dessa sociedade é feita por dois personagens que constituem o par romântico da narrativa, os quais são: Tris e Tobias. Tris é a narradora dos primeiros dois romances e divide o espaço da narração com seu consorte no terceiro livro, já que não daria conta de finalizar a narrativa, pois morre em seu processo.

Sendo a obra contemporânea, está intimamente ligada à sociedade vigente. Esta assertiva baseia-se não somente nas conexões entre *outopias* e sociedade, vistas com mais profundidade até então, mas também nas correspondências que se estabelecem entre a última e a ficção científica, essa preposição é vista no texto introdutório da obra *A mão esquerda da escuridão*. Neste texto, Ursula K. Le Guin, autora do romance, discorre sobre as peculiaridades do gênero e seus mundos imaginários que funcionam como metáfora para a organização social vigente. Para ela, “A ficção científica não prevê; descreve” (LE GUIN, 2014, p.8). Desta forma, é possível entender que é a partir das conexões e temores da sociedade que podemos pensar em um movimento de terceira virada distópica, na qual se enquadram os romances de Veronica Roth, já que a questão da transumanidade é tão central à obra como o é para a sociedade contemporânea.

Contudo, é necessário lembrar que o núcleo desta análise não está restrito a características contemporâneas, mas emerge de textos que lhe são antecessores, buscando estabelecer um diálogo com as representações dos processos de evolução do ser humano com outros textos distópicos ou que carreguem em si este subtexto. Neste sentido, a análise não trata de uma comparação dos romances, mas sim de reconhecer as permanências históricas e aproximá-las com os romances de *Divergente* estabelecendo uma conexão com as tendências e temores contemporâneos.

A revisitação de distopias antigas com uma compreensão contemporânea foi feita também por Mario Vargas Llosa no livro de ensaios críticos *La verdade de las mentiras*, publicado originalmente em 1990, no qual o autor discorre sobre o que chama de “utopias negativas”. Para

tanto, traça um paralelo sobre as utopias e distopias, tomando por base de análise *Admirável mundo novo* de Huxley.

A utopia representa uma inconsciente nostalgia da escravidão, de regressar a este estado de total entrega e submissão, de falta de responsabilidade, o que para muitos é também uma forma de felicidade e que configura a sociedade primitiva, a coletividade ancestral, mágica e que antecede ao nascimento do indivíduo. (LLOSA, 2002 [1990], p.139; nossa tradução)<sup>5</sup>.

O autor se posiciona quanto à coletividade exposta pelas utopias e que de certa forma nega ao indivíduo algo primal, que seria sua subjetividade. Ainda que o texto discorra sobre uma distopia de segunda virada, o autor se refere a um grande rompimento com o utopismo contemporâneo. Para ele, evidencia-se uma quebra generalizada da individualidade e de uma opinião crítica acerca da sociedade atual, ainda que a palavra subjetividade esteja sempre presente. Llosa (2013) se questiona sobre a existência de uma verdadeira subjetividade também no livro *A civilização do espetáculo: uma radiografia do nosso tempo e da nossa cultura*, no qual denuncia o empobrecimento da cultura no que tange à frivolidade da vida contemporânea.

Contudo, é inegável a ênfase na subjetividade na contemporaneidade e de mecanismos que corroboram para sua promoção. É possível afirmar que a coletividade em detrimento do indivíduo é um receio mais ligado ao contemporâneo e as distopias da terceira virada ressoam este medo. Além disso, vários são os temores sociais que tencionam o indivíduo a preocupar-se com o futuro, dentre os quais se pode recuperar a morte da história de Fukuyama (1992), que aponta para o fato de estarmos em um ápice de sistemas de comunidades sociais e, sob este prisma, pode-se depreender que a idealização de uma sociedade diferente da nossa seria uma sociedade pior.

Seja pelo medo de perder o que temos, seja pela ameaça da tão arraigada noção de subjetividade, utopias não estão mais em voga e, caso Llosa esteja certo, estamos vivendo em uma sociedade que se assemelha às frivolidades utópicas, mas ainda assim somos temerários de sua ruína. A dualidade do subjetivo e do comunitário se entrelaçam, na medida em que ao mesmo tempo em que grandes comunidades são formadas em mídias sociais variadas, somos perpassados por uma eterna busca do prazer para a realização do eu pessoal.

Ainda sobre a crítica à contemporaneidade, a problemática mais latente e discutida pelas distopias de terceira virada são a transumanidade e a pós-humanidade. No aporte feito, foi visto a

---

<sup>5</sup>Do original: "La utopía representa una inconsciente nostalgia de esclavitud, de regreso a ese estado de total entrega y sumisión, de falta de responsabilidad, que para muchos es también una forma de felicidad y que encarna la sociedad primitiva, la colectividad ancestral, mágica, anterior al nacimiento del individuo." (LLOSA, 2002, p.139)

transumanidade como uma intensificação humanista, porém um tanto futurística. Contudo, o pensamento transumanista já se caracteriza como filosofia e representa várias tendências sentidas no presente. Braden Allenby e Daniel Sarewitz, no livro *The Techno-Human Condition*, sinalizam que a sociedade já está em um momento ou processo de *transumanização*, é possível destacar que o ser humano está se tornando cada vez mais transumano. Essa assertiva encontra respaldo não somente nos teóricos, mas na noção mais difundida de transumanidade que implica em um alargamento das habilidades humanas.

Neste sentido, as tecnologias têm ajudado o sujeito contemporâneo a se comunicar em distâncias cada vez maiores e com melhor qualidade. A voz, antes restrita ao ressoar das ondas produzidas por nosso aparelho fonador, se torna largamente conduzida e reproduzida por aparelhos de bolso. Os seres humanos estão ascendentemente mais conectados uns aos outros e os dispositivos eletrônicos cada vez mais acoplados a seus corpos. Neste prisma, o indivíduo contemporâneo já pode se considerar transumano mesmo que muito lhe falte para ser considerado à realização de ideias e sonhos dos transumanistas contemporâneos.

A distopia ressoa a realidade cada vez mais tátil da evolução e, até mesmo, a possibilidade de substituição do corpo ou de suas partes por componentes tecnológicos. Temendo à tecnologia utilizada para mudar ou escolher traços específicos da genética humana e evidenciando possíveis problemas na escolha desse caminho, a distopia problematiza a essência do humano e também do transumano.

Para tanto, se utiliza do futuro como lugar de discussão do presente, no qual personagens sofrem na própria vivência as escolhas do passado. As distopias de terceira virada, em especial *Divergente*, dão vozes aos dois lados, mas sinalizam certo pessimismo quanto às ideias e aos ideais que não levaram em consideração o componente humano, que é naturalmente falho. A questão que é proposta por estas obras é a da legitimidade de um ser carente de perfeição na obliteração do que entende por falhas e da jornada que incorre na opressão da subjetividade, por um ideal de plenitude da espécie.

Assim, busca-se retomar as discussões acerca do componente humano e do transumano, estabelecendo um paralelo entre ambos os conceitos. A essência humana é um tema comum às distopias modernas frente à possibilidade de transumanidade ou mesmo de pós-humanidade. Entretanto, na obra *Divergente*, a discussão sobre a essência humana ganha não só destaque, mas um novo tom. Leia-se o excerto abaixo, retirado do romance *Convergente*:

Se as pessoas geneticamente puras causaram guerras e devastações terríveis no passado, na mesma magnitude das quais pessoas geneticamente danificadas supostamente causam agora, então, qual é a base por trás da crença de que precisamos gastar tantos recursos e tanto tempo trabalhando para corrigir os danos genéticos? Qual é a utilidade dos experimentos, afinal, exceto convencer as pessoas certas de que o governo está fazendo alguma coisa para melhorar nossas vidas, mesmo que não esteja? (ROTH, 2014 [2013], p.254).

Depreende-se que a problemática pungente à obra é uma análise filosófica do trans e pós-humano dentro da sociedade estabelecida em *Divergente*. Neste âmbito, a questão da transumanidade vai contra a manipulação feita no passado da narrativa, mas discute também a pré-disposição para o mesmo futuro em uma sociedade já intimamente danificada. Desta forma, este trabalho discute o que é o ser humano dentro da obra *Divergente*, em um terreno filosófico humanista/transumanista, mostrando a necessidade de se chegar à perfeição ou se remir dos problemas, sacrificando até mesmo uma possível “essência”. O cerne do humano e suas características são alvo também da discussão, na medida em que o que se entende por intrinsecamente humano está em jogo.

A questão da divergência (pureza genética) também é um importante ponto a ser destacado, já que o pertencimento ou não destes seres a tipos de danos genéticos específicos aproxima-se da adequação humana a grupos. Neste sentido, é importante perceber que ainda que se fale de seres que transcendem de certa maneira o humano, a leitura feita sobre transumanidade e sobre os genes danificados e a divergência é essencialmente humanista e é, neste sentido, que a crítica tanto à divergência quanto à transumanidade dos demais personagens será avaliada.

Primeiramente, deve-se observar que a trilogia *Divergente* estabelece entre a relação do humano e do transumano uma relação de *mise en abyme*, já que é o desejo de mudança que leva os seres humanos a alterar seus genes, entretanto, é exatamente essa transformação que dá espaço para um sentimento de insatisfação colocando-os em um eterno movimento de modificações. A obra apresenta um cenário no qual a evolução ou involução não distanciou o ser humano de suas insatisfações consigo mesmo. Neste sentido, ser humano e ser transumano estão conectados por uma característica imutável de humanidade. Essa crítica está clara na obra, pois Tris utiliza os mesmos critérios que os cientistas usaram para desacreditar o movimento que alterou os genes no passado no questionamento das ações tomadas no presente.

– Não estou dizendo que seus genes não são diferentes – digo. – Só estou dizendo que isso não significa necessariamente que um é danificado e o outro não é. Os genes para olhos azuis e olhos castanhos também são diferentes, mas por acaso “olhos azuis” são

danificados? Parece que eles simplesmente decidiram que um tipo de DNA é ruim e o outro, bom. (ROTH, 2014 [2013], 258).

É possível perceber nas colocações de Roth, uma repetição bem projetada da história, pois temos um ser “falho” que busca criar seres “superiores” geneticamente. A dúvida perene ao processo é a questão da legitimidade, pois como um ser “defeituoso” pode criar algo mais elevado? Ainda assim, esta experiência de convergência entre o transumano (gene danificado) e o humano (Divergente) encontra-se corporificada nestes seres que interagem entre si.

Essa interação entre seres que teoricamente representam diferentes níveis e ideias de humanidade ocorre a todo o momento nas obras, ainda que no terceiro romance possamos observar e nominar essas relações com base nos rótulos dados aos indivíduos. Este confluir de seres humanoides distintos aparece também em outras narrativas da segunda virada. Pode-se pensar facilmente em *Admirável mundo novo* e a convivência entre Alfas e Betas ou Ípsilon.

É um absurdo. Um homem decantado e condicionado como Alfa ficaria louco se tivesse de fazer o trabalho de um Ípsilon retardado – ficaria louco ou começaria a destruir tudo. Os Alfas podem ser completamente socializados – mas com a única condição de que executem trabalho de Alfa. Só de um Ípsilon pode-se esperar os sacrifícios dos Ípsilones, pela boa razão de que, para ele, aquelas tarefas não constituem sacrifícios; são a linha de menor resistência. Seu condicionamento colocou trilhos ao longo dos quais eles tem de correr. Não pode deixar de fazê-lo; está predestinado. (HUXLEY, 1976 [1932], p.211).

Dessa perspectiva, há um encontro desses seres humanoides. Os seres humanos como conhecemos se assemelhariam aos alfas e betas diferindo estes dois apenas do nível de “condicionamento”, já que os betas eram condicionados desde a tenra infância a aceitar atividades inferiores. Contudo, seres de diferentes níveis intelectuais e mesmo físicos são criados para desempenhar as mais diversas funções. A relação de valor pode ser sentida pela adjetivação dos Ípsilon que seriam retardados. O retardamento destes seres é sentido, tomando como padrão a inteligência de Alfas.

Neste sentido, a distopia de Huxley se aproxima muito à de Roth, já que na sociedade externa ao experimento de Chicago, os indivíduos com genes danificados são forçados a executar trabalhos inferiores, tendo em vista sua carga genética. Podem ter problemas de emprego ou de aceitação e não são considerados indivíduos confiáveis.

– A conversa que tive com você ontem à noite, sobre danos genéticos... na verdade, foi um teste. Queria saber como você reagiria ao que eu disse sobre genes danificados para saber se podia confiar em você – diz ela. – Se você aceitasse o que falei sobre as suas limitações, a resposta teria sido não. – Ela desliza um pouco mais para perto de mim, e seu ombro cobre

o nome de Marcus também. – Sabe, não concordo muito em ser classificada como “danificada”. (ROTH, 2014 [2013], p. 238).

A construção discursiva acima pertence à Nita, personagem da terceira obra – *Convergente*. Nita é uma cientista que também possui genes danificados, mas que desacredita ter suas habilidades classificadas como aquém de indivíduos com genes puros. A própria nomenclatura do adjetivo “puro” que é usada na obra ajuda a criar um cenário onde estes seres são descritos como menos “humanos” quanto aos que têm seus genes restaurados. Apesar das similitudes entre as obras *Divergente* e *Admirável mundo novo*, a partir da observação das caudas da manipulação, pode-se ver que *Divergente* objetiva uma evolução da espécie, caracterizando-se por um processo de transumanização, enquanto as manipulações feitas na distopias de Huxley não são feitas para evoluir, mas para buscar, na involução humana, suprir necessidades sociais.

A preocupação com o futuro da evolução humana, contudo não é singular dos movimentos de segunda virada. Uma das primeiras ficções científicas a versar sobre a evolução natural dos seres humanos é a *A máquina do tempo* (1972) de H. G. Wells. Ainda que a leitura desta obra como distopia seja controversa, esta é uma obra que se debruça sobre a evolução humana natural e uma ideia bastante niilista sobre o futuro e o esforço empregado em prol de uma visão positivista da história.

Eu julgava ter atingido o declínio do mundo. O rubro crepúsculo me fazia pensar no crepúsculo da humanidade. Pela primeira vez, passou-me pela cabeça a possibilidade duma extravagante consequência do esforço social que empenhamos hoje. Mas, como podem ver, era uma consequência bastante lógica: a força é produto da necessidade; a segurança por sua vez, engendra a debilidade (WELLS, 1972 [1895], p. 41).

A narrativa de Wells traz um viajante do tempo que encontra seres humanos futurísticos evoluídos. Essa evolução, todavia, se conceitua pelo tempo e não pelos padrões de evolução acerca de consciência e inteligência pré-concebidos pelo personagem. Ao deparar-se com tais seres, a personagem percebe que não havia mais necessidade de inteligência para esses sujeitos, visto que os humanos haviam resolvido todos os problemas do mundo. Assim, a espécie evoluiria para seres que se preocupavam apenas com pequenos prazeres e com uma linguagem basilar e abstrata.

A trilogia *Divergente* insere-se nesta discussão de futuro da humanidade. A obra coloca sua narrativa em um futuro e discute criticamente sobre o que ocorrerá no futuro da narrativa. A atualização deste cenário de “crepúsculo da humanidade” dá-se não por uma sociedade que ao ser bem-sucedida relegou seus descendentes ao ostracismo e eventual burrice, mas pelo exato oposto. O medo da narrativa de Wells era o de que a evolução biológica, refletindo as necessidades deixadas

pelo entorno social do presente, destituísse a humanidade de seu maior bem, a racionalidade enquanto que o medo em *Divergente* é de que justamente a racionalidade traga este crepúsculo. É o homem que se torna senhor de sua própria evolução, à medida em que ascende racional e tecnologicamente, permeado pela constante possibilidade de causar algum erro incorrigível e levar a humanidade a um futuro caótico.

Entrando no ensejo da criatura que cria algo monstruoso, é impossível não rever os ecos de *Frankenstein, ou Prometeu moderno*. Na obra de 1818, o cientista Victor Frankenstein dá vida a uma criatura

Lembre-se – não registro aqui as visões de um louco; o sol não brilha no céu com menos verdade do que minhas palavras. Tudo parecia ser a obra de um milagre e, no entanto, os estágios da descoberta eram claros e prováveis. Depois de dias e noites de incessante trabalho e fadiga, descobria a causa da geração e da vida; e – sim, mais do que isso – tornava-me capaz de infundir vigor à matéria sem vida. (SHELLEY, 2013 [1818], p. 74).

Na passagem acima, temos a vontade humana de roubar algo que é encargo do divino, por isso é tão significativo o segundo título da narrativa nomeado de “Prometeu moderno”, já que é ele quem, na mitologia, rouba o fogo dos deuses. Pode-se observar o êxtase de Victor ao descobrir que consegue dar vida aos tecidos que já não mais a possuem. Este espírito é presente em toda a distopia *Divergente*, pois mesmo quando a manipulação já havia provado ser danosa para os cientistas, estes não desistem de suas intenções e continuam seus experimentos, buscando retroceder o que havia sido feito.

Contudo, a obra de Mary Shelley não apresenta apenas este sentimento de poder e de soberba, mas demonstra que essa prepotência pode ocasionar a derrota do ser humano.

Os diversos acasos da vida não são tão mutáveis quanto o que sente a natureza humana. Trabalhei arduamente por quase dois anos única e simplesmente para dar vida a um corpo inanimado. Para tanto, privei-me de descanso e saúde. Desejei-o com um fervor que muito excedia a moderação; mas ali, diante de tudo findo, a beleza do sonho esvanecia, e um desgosto e horror sufocantes invadiam meu coração. (SHELLEY, 2013 [1818], p. 80).

Na passagem acima, pode-se observar a reação de Victor ao observar a criatura e o horror que nasce naquele momento e persegue-o por toda a obra. No mesmo sentido, a ciência de *Divergente* se ressent de si mesma por haver criado o cenário caótico que se apresentava, a ciência toma para si a tarefa de fazer alguma coisa para se redimir da mesma forma que Victor passará a vida inteira na perseguição desenfreada à criatura.

Além disso, em ambas as obras, há um castigo divino por tentar ser deus, um castigo que vem pela própria falta de paz e pelo eterno arrependimento do que foi feito. Victor Frankenstein e

os cientistas de *Divergente* têm muito em comum, são ambas vozes da normalidade a lutar bravamente contra o monstro criado por eles, e feito espelho da sua própria incompletude, sentida em ambos: em *Frankenstein*, Victor vai se denegrindo como ser humano até criar o monstro que é também um ser falho em sua humanidade; e na trilogia *Divergente* isto se personifica na pessoa do cientista coordenador que é um gene danificado e “incompleto”, porém busca através de seus experimentos recriar seres puros.

Por fim, para estabelecer as similitudes e diferenças entre o humano e o transumano é importante perceber a motivação desses fatores que ocorrem por e pela instituição do corpo. Eduardo Marks de Marques (2013) ao discorrer sobre o que nomina terceira virada distópica, trata sobre o corpo que é pós-humano, que na fala do autor significa aquele corpo que transcendeu as fronteiras conhecidas como humanas e está em um espaço posterior.

...] o corpo pós-humano é o produto final do capitalismo e da cultura de consumo, algo que renuncia às suas imperfeições orgânicas e é submetido à tentativa de realização do desejo de perfeição e imortalidade. (MARKS DE MARQUES, 2013, p.157; tradução nossa)<sup>6</sup>.

Como é possível inferir, para o autor o corpo é modificado pelo desejo e então se torna pós-humano (assumiremos aqui o conceito de transumano, já que este é um corpo que passa por um processo de evolução). Os corpos considerados danificados atenderiam, em tese, a um desejo antigo de extirpação de sentimentos e características que traziam dor ou prejudicavam o bem-estar. Contudo, tende-se a ter uma ideia de evolução que não envolve momentos de descentralidades do humano, onde várias formas evolutivas coexistem. O que ocorre em *Divergente* é exatamente isso, corpos transumanos coexistindo com humanos, intercruzáveis, fazendo descendentes que levem à frente a “pureza” ou a “impureza” genética.

Como visto, no decorrer do presente trabalho, as questões propostas pelo embate de transumanos e humanos em *Divergente* encontram ecos em outras obras clássicas, isso se dá não somente por elementos comuns às utopias e às distopias, mas também porque a obra discute a essência do humano. Obviamente o componente humano é pauta frequente em obras que objetivam discutir possibilidades de sociedade, todavia, ao trabalhar com diferentes facções, que se originam a partir de diferentes seres transumanizados e ao colocar na mesma narrativa seres divergentes, ou seja, humanos, a obra se aprofunda na discussão do humano em essência,

---

<sup>6</sup> Do original: “[...] the posthuman body is the ultimate product of capitalism and consumer culture, one which renounces its organic imperfections and is submitted to the tentative fulfilment of the desire for perfection and immortality.”(MARKS DE MARQUES, 2013, p.157).

discutindo suas disparidades bem como os elementos que fazem com que estes seres comunguem de algo em comum. A sociedade de Roth que é criada em cima da diferença reflete a pluralidade de desejos que toma forma em diferentes seres que se modificam e são modificados no decorrer da narrativa.

Pode-se dizer que a obra de Roth aponta para uma discussão que transcende as denúncias características da terceira virada sobre o tema, pois a trilogia não apenas denuncia os possíveis malefícios da transumanidade e resultante pós-humanidade como desconstrói a ideia de malefício, elevando estes seres a um patamar de compartilhamento e humanidade. *Divergente*, aponta ao decorrer de toda a narrativa o embate destes dois projetos de humanos e, ao mesmo tempo, possibilita uma discussão a respeito da necessidade da convergência de ambos. É assim que a obra aponta para a necessidade de aceitação das diferenças dos sujeitos enquanto espécie, seus defeitos e qualidades.

Diante do exposto, é possível depreender a importância dos movimentos explicitados e as mudanças na visão do humano decorrentes de tais correntes. Neste cenário, a distopia de terceira virada desempenha um papel singular, pois debate as possibilidades de insucesso, os impasses éticos, políticos e sociais de uma forma distinta. O ponto de foco das distopias contemporâneas não é a ruína futurística do humano enquanto ser social, mas a ruína do humano enquanto conceito.

Este cenário produz distopias muito singulares. Ainda que a ênfase no corpo seja um elemento de renovação do gênero, o ideal de pesadelo é frequentemente perpassado por utopias e distopias já há muito enraizadas. A relação dual entre distopias de terceira virada e clássicos do gênero remonta uma discussão que não apenas se relaciona com a sociedade, mas com o próprio imaginário de pesadelo, estabelecendo dessa forma uma meta-reflexão. Assim como nos utilizamos do passado para montar o futuro, o “não-lugar” criado pelos temores humanos e inscrito no gênero distopia, se inspira e reage a si mesmo. Neste âmbito, padrões de coerção e de massificação se tornam recorrentes, em uma longa linhagem de textos que trabalham com as possibilidades do caos. Pode-se inferir que, da mesma maneira que a sociedade se atualiza e dialoga com sua história, esse “não-lugar” sofre o paradoxo de atualizar-se e de lembrar e estes dois processos são intrínsecos a ele, sendo sobremaneira presentes neste terceiro momento do gênero.

## REFERÊNCIAS

- ALLENBY, Braden; SAREWITZ, Daniel. *The Techno-Human Condition*. Massachusetts: The MIT Press, 2011.
- BORDINI, Maria da Gloria. "O Eu à deriva na Sociedade Pós-colonial: Fernando Pinto do Amaral e a Poesia Pós-moderna Portuguesa". In: REMÉDIOS, Maria Luiza Ritzel (Org). *Identidades Fraturadas: Ensaio sobre Literatura Portuguesa*. São Paulo: Editora da universidade de São Paulo, 2011. p. 155-171.
- CLAEYS, Gregory. *The origins of dystopia: Wells, Huxley and Orwell*. In: CLAEYS, Gregory (Ed.). *The Cambridge Companion to Utopian Literature*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010. p. 107-131.
- FUKUYAMA, Francis. *The End of History and the Last Man*. New York: Free Press, 1992.
- HUXLEY, Aldous. *Admirável mundo novo*. Tradução de: Felisberto de Albuquerque. São Paulo: Edbolso S.A., 1976 [1932].
- LE GUIN, Ursula K. *A mão esquerda da escuridão*. Tradução de: Susana L. de Alexandria. São Paulo: Aleph, 2014
- LLOSA, Mario Vargas, *A civilização do espetáculo: uma radiografia do nosso tempo e da nossa cultura*. Tradução de: Ivone Benedett. -1.ed.- Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.  
\_\_\_\_\_. *La verdade de las mentiras*. Madrid: Alfaguara, 2002[1990].
- MARKS DE MARQUES, Eduardo. "Da centralidade política à centralidade do corpo transumano: movimentos da terceira virada distópica na literatura". *Anuário de Literatura, Florianópolis*, vol. 19, No. 1, p. 10-29, 2014.  
\_\_\_\_\_. "'God is a cluster of neurons': Neo-posthumanism, theocide, theogony and anti-myths of origin in Margaret Atwood's *Oryx and Crake*". *Gragoatá, Niterói*, n. 35, p. 155-169, 2013.
- MEHLMAN, Maxwell J. *Transhumanist Dreams and dystopian nightmares: The Promise and Peril of Genetic Engineering*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 2012.
- MORE, Max; VITTA-MORE, Natasha. *The transhumanist Reader*. Pondicherry: Wiley-Blackwell, 2013.
- ROTH, Veronica. *Divergente*. Tradução de: Lucas Peterson. Rio de Janeiro: Rocco Jovens Leitores, 2012 [2011].  
\_\_\_\_\_. *Insurgente*. Tradução de: Lucas Peterson. Rio de Janeiro: Rocco Jovens Leitores, 2013 [2012].  
\_\_\_\_\_. *Convergente*. Tradução de: Lucas Peterson. Rio de Janeiro: Rocco Jovens Leitores, 2014 [2013].
- SARGENT, Lyman Tower. *Utopia: A very short introduction*. New York: Oxford, 2010

SHELLEY, Mary. *Frankenstein, ou o Prometeu moderno*. Tradução de: Bruno Gambarotto. - 1 ed. - São Paulo: hedra, 2013 [1818].

WELLS, H.G.. *A máquina do Tempo*. Tradução de: Paulo Mendes Campos. Rio de Janeiro: Editora Technoprint Ltda, 1972 [1895].

WOLFE, Cary. *What is Posthumanism?*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2010.

ZAMYATIN, Yevgeny. *We*. Tradução de: Natasha S. Randall. New York: Modern Library, 2006 [1924].